



VERACRUZ

XV

FÓRUM DE DEBATES

**A CIÊNCIA HÁ DE VENCER.
CASO CONTRÁRIO, TODOS PERDERÃO.**



XV

FÓRUM DE DEBATES

A CIÊNCIA HÁ DE VENCER.
CASO CONTRÁRIO, TODOS PERDERÃO.

Realizado em [data do evento], pelo Ensino Médio da Escola Vera Cruz.

SUMÁRIO



6 APRESENTAÇÃO

8 MESA-REDONDA

Conhecimento científico e outros
saberes: a questão é acreditar?

Coordenação: Prof. José Auri Cunha

32 OFICINAS

39 CRÉDITOS



APRESENTAÇÃO

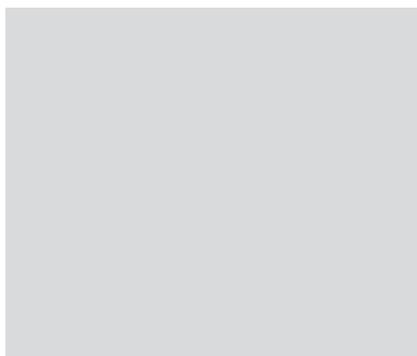
MESA-REDONDA



**CONHECIMENTO
CIENTÍFICO E
OUTROS SABERES**

A QUESTÃO É ACREDITAR?

Coordenação: Prof. José Auri Cunha



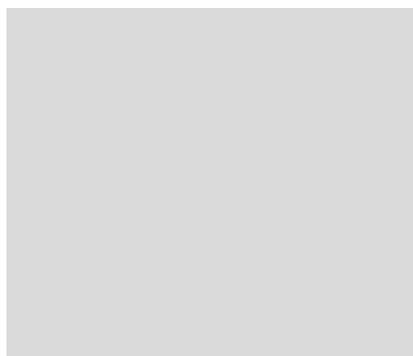
CELSO FAVARETTO

Licenciado em Filosofia (1968) pela Universidade Católica de Campinas (hoje, PUCAMP), onde também cursou alguns anos de Matemática (1961-64). Mestre (1978) e doutor (1988) em Filosofia pela USP, na área de Estética. Livre-docente (2004) pela Faculdade de Educação da USP.

Professor-associado aposentado com atuação no Programa de Pós-Graduação em Educação da FE-USP e no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da FFLCH-USP. Autor dos livros *Tropicália, Alegoria Alegria* (Ateliê Editorial) e de *A Invenção de Hélio Oiticica* (Edusp); e de ensaios e artigos, especialmente sobre arte contemporânea, em livros, revistas nacionais e internacionais. Membro-fundador e coordenador do Centro de Estudos de Arte Contemporânea e da revista *Arte em Revista* (1979-1985) de pesquisa, documentação e análise da produção artístico-cultural brasileira dos anos 1960-70. Integra o conselho editorial de várias revistas de filosofia, artes e educação. Membro do Comitê de Curadoria do MASP.

MÁRCIO MORETTO RIBEIRO

Doutor em Ciência da Computação pela USP. Desde 2013, professor da EACH-USP, onde é membro do Grupo de Políticas Públicas para o Acesso à Informação (GPAI) e um dos coordenadores do Monitor do Debate Político no Meio Digital. Recebeu prêmio de melhor tese de doutorado pela Sociedade Brasileira de Computação, em 2011. Coautor de *Escolas de luta* (Veneta). Pesquisas com Esther Solano; autor em *O ódio como política*, no qual promove um debate de vital importância para as direitas na atualidade: as redes sociais, e como estas organizam o debate político.



José Auri Cunha – Bom dia a todos e todas, bom dia ao 9º ano do Ensino Fundamental, que veio nos prestigiar e participar com a gente. Sejam bem-vindos. Vamos iniciar o XV Fórum de Debates. O tema deste ano: Conhecimento científico e outros saberes – a questão é acreditar? Normalmente, convidamos para os Fóruns de Debates pessoas reconhecidas no campo acadêmico, no campo do debate intelectual, do debate público. Desta vez convidamos e agradecemos a presença do professor Celso Favaretto e do professor Márcio Moretto Ribeiro. Obrigado por terem aceitado nosso convite.

Sobre o tema: o convite é para que vocês escutem as duas palestras, não de maneira passiva, mas muito ativamente, com curiosidade e perguntas. Vejam o próprio título: conhecimento científico e outros saberes. Pra que servem esses saberes? Comparado com os outros saberes, qual a peculiaridade do conhecimento científico? Quais as formas de o conhecimento científico garantir suas verdades? São perguntas. Por que é que a gente confia nessas garantias de verdade, às vezes mais do que das garantias de verdade de outras formas de saberes (saberes religiosos, saberes ideológicos, saberes de outras ordens)? Será que a gente confia mais porque produzem resultados pragmáticos? Ou por causa de valores? São perguntas.

O convite é que vocês escutem tudo e questionem com várias flechas dirigidas ao pensamento, para que

eles nos respondam. Na questão do conhecimento científico, seria bem interessante entender o lugar onde ele ou os conhecimentos, de modo geral, são validados. Validação e veiculação. O conhecimento científico, em geral, é produzido e validado no campo acadêmico e, por extensão, veiculado pelas escolas. E as mídias? Elas produzem e validam o conhecimento. Validam? A validade obtida pela adesão de fiéis e de militantes é confiável? Qual o papel da veiculação de conhecimento na garantia de validade desses conhecimentos? Questões desse tipo estão em jogo.

Celso Favaretto – Tenho sempre uma grande satisfação em vir à Escola Vera Cruz, por uma razão ou outra, mas especialmente para conversar com vocês. Quando tenho que falar para jovens e com jovens como vocês, sempre me dá uma certa apreensão. Com todos esses anos de professor e toda essa idade, a apreensão permanece.

Em primeiro lugar, porque há bastante tempo, pelo menos há uns cinquenta anos, nem as ciências, nem as filosofias, nem outros saberes são discursos ou sistemas de um único tipo, suficientes, que bastam para transmitir, por seus resultados e por seus processos, alguma coisa que convença e dirija a ação das pessoas. Há uma dificuldade quanto a isso. Nenhum sistema científico, filosófico, moral, religioso etc. se apresenta, hoje, em princípio, como

verdadeiro, como alguma coisa que pode destilar uma verdade que organize o comportamento das pessoas; e que organize mesmo o saber, os conhecimentos. Trata-se então de se pensar logo de início que todo conhecimento produzido, antes de ser aceito, tem que se passar por um processo de crítica, de avaliação, que devem se processar por algumas referências.

Em segundo lugar, porque atualmente, e há bastante tempo, não é possível formular exatamente esses sistemas de referência a que me referi. Isto é, se a criticidade depende de sistemas de referência, o problema é retroagido, isto é: e os sistemas de referência, quais são? Como estão formulados? Ou como é possível formulá-los? É um problema sério. Não há sistema de referência, nem prescrições que possam determinar e orientar com alguma segurança o comportamento dos indivíduos, das coletividades, das sociedades. Essa dificuldade existe na educação, na formulação de projetos educacionais, de projetos particulares nas escolas, existe para as famílias, para os pais, quando se trata de acompanhar seus filhos quanto ao que acontece com eles nas escolas e socialmente, principalmente àquilo que meu colega vai se referir certamente que é a questão das informações que circulam, midiaticamente. Tudo isso é um pouco complicado porque há muitos sistemas referências, e nenhum deles serve como direção imediata para aquilo que às vezes, in

loco, precisamente em determinados momentos, é necessário para a orientação em algum aspecto da vida.

Em terceiro lugar, essa minha apreensão vem do fato de que os jovens têm uma necessidade, digamos, natural, de questionar tudo o que se apresenta como verdade. Como regra. Como prescrição, tendo em vista uma exigência também natural nos jovens. É um pena quando não há. De uma exigência que em vocês, acima de tudo, de justiça. Acima de tudo de sensibilidade às diferenças, às desigualdades. E, principalmente, à necessidade que vocês têm de que qualquer crença ou verdade seja devidamente justificada para que seja admitida por vocês.

Recentemente, eu estava numa mesa de jantar com um amigo meu que também tem um filho também no Ensino Médio, e se discutia aquela questão da prisão do Assange, aquele hacker que liberou uma série de notícias sobre muitas atrocidades promovidas em vários lugares do mundo, pelo governo americano. E ele discutia conosco o seguinte: “poxa, mas esse hacker entrou, era um jornalista, mas realizou uma tarefa que é de hacker. Ele não é um hacker”. Esse jornalista fez isso, liberou uma série de denúncias importantes, mas ele mesmo também cometeu um crime, porque ele entrou onde não devia. Essa discussão foi difícil, porque o senso de justiça o impedia de liberar esse jornalista, pelas coisas muito boas que ele trouxe, de atrocidades produzidas

no mundo pelo governo americano, genericamente dizendo. Ele dizia: “bom, o que ele tá fazendo de bom é anulado porque ele também não podia ter entrado ilegalmente no sistema”. Um paradoxo como esse traz à tona como, no jovem, o senso de justiça e a necessidade de justificativa são fundamentais.

É preciso levar isso em consideração, porque os jovens necessitam e a escola precisa cuidar disso o tempo todo, quando são escolas sérias, necessitam de formulação de seus estudos científicos e de outras áreas, de uma tópica, isto é, de pelo menos um sistema de referências, mesmo que depois esse sistema seja afastado e criticado, sem o quê ele não pode também dizer se isso é justo, é injusto, é bom, não é bom, é adequado, não é adequado. Discutir com seus pais e seus professores aquilo a que se destinam e justificar por que que eles escolhem uma coisa ou outra.

É uma tarefa difícil. A escola tem cada vez mais dificuldade de enfrentar esse obstáculo que é produzir, pelo menos, algum sistema de referência, para que, tomando posse dele, os jovens possam exercitar sua pulsão fundamental de justiça, de julgamento e de justificativas para suas escolhas. Principalmente, justificativas para os seus desejos. Que é o que move tudo. O céu e as estrelas.

Tudo isso dificulta proposições educativas que pretendem uma orientação no pensamento. Atenção: digo orientação no pensamento

e não orientação do pensamento! Não compete à escola produzir uma orientação do pensamento dos alunos, mas uma orientação no pensamento, isto é, produzir referências e condições para que eles se orientem no pensamento, na criticidade.

Assim, diante de cada questão, cada problema, cada proposição que lhes é posta, é preciso questionar. O que supõe, sempre, antes de tudo, a posse de informações sobre os assuntos questionados. Para que a avaliação das diferentes e inevitáveis opiniões não proceda de um vazio de ideias. Melhor ainda, não proceda de uma simples obediência ou aplicação de ideias prontas, que estão à disposição, prontas para usar, como é comum naquilo que aparece hoje, nos sistemas hegemônicos de comunicação, eivados de preconceitos de raças, cor, opção sexual, crenças religiosas etc.

São sistemas hegemônicos de comunicação, de informação, que pretendem se impor como verdades absolutas. Ou seja, verdades sem criticidade e justificativa. Daí, impositivas. Por exemplo, tudo o que aparece hoje, devido às dificuldades econômicas, financeiras, às desigualdades, às dificuldades políticas, como proveniente do mercado, como se fosse um deus. Afinal, hoje Deus é uma mercadoria, não é? Tudo o que procede sob essa rubrica de mercado já é um valor estabelecido a priori. Porque o sistema liberal capitalista que nos dirige seria basicamente marcado pelo mercado.

Portanto, o mercado deveria dirigir as apostas das pessoas, não em termos sociais, mas de escolhas individuais e valoração. Este é um exemplo de como ideias prontas estão à disposição para serem apenas usadas e aplicadas, sem a criticidade necessária.

Trata-se sempre de questionar, de analisar, de dar vazão, antes de tudo, à atitude de desconfiança e de suspeita de tudo que aparece como verdade doada. Frequentemente, pelas religiões e ideologias, que querem se impor por convencimento, sem justificação. Precisamos, portanto, agir no pensamento crítico como se fôssemos sempre detetives. Lembremos os livrinhos ou os filmes de detetive, de como eles procuram indícios e suspeitam de todos que encontram. Esses sinais são fundamentais, e devemos dar atenção a esses sinais.

Devemos ter o pensamento e a percepção agudizados para esses sinais que aparecem em todo lugar, tentando nos impor aquilo que, na verdade, deve ser, antes, objeto de análise e que pede uma justificação. Ou seja, dizemos que o tempo todo vivemos uma situação que libera sintomas e doenças. Nunca se viu tanto sintoma e doença. Nunca se viu tanta farmácia em cada esquina, não é? Parece que hoje a doença virou a normalidade. Todo mundo apresentando sintomas. Mas os sintomas são também culturais, políticos, econômicos, educacionais. Aprender a ler esses sintomas é fundamental. Uma percepção aguda

e um pensamento fino, que só podem vir da criticidade e de boas informações, podem nos levar a isso.

Um dos enganos que causam essas confusões todas, a que podemos nos submeter, vem da crença muito comum, mais comum do que pensamos, de que no presente tudo é muito claro. Que a atualidade é clara. Que nossa atualidade é clara. Que nossa contemporaneidade é feita de clareza. De clareza suficiente para que acreditemos em tudo o que aparece. É um engano. O presente, isto é, o que nos é contemporâneo, foge à nossa compreensão imediata. Seu sentido não aparece imediatamente. É preciso que mantenhamos o olhar fixo no nosso tempo, no presente. No entanto, para nele apreender não aquilo que aparece como luzes, mas o seu escuro. O presente não é tão claro. Ele é escuro.

Diz o filósofo [italiano Giorgio] Agamben que pertence verdadeiramente a seu tempo aquele que não coincide perfeitamente com ele. Isto é, aquele que não adere a tudo que acontece imediatamente. Que não tem essa ânsia de estar *up to date*. De certa maneira, só quem é paradoxalmente inatual pode perceber o escuro que vem das trevas do presente. Ser inatual é um paradoxo, porque somos atuais. Estamos fixos no que nos acontece, quando acontece conosco, com o que acontece à nossa volta. Mas é o que acontece no que acontece, isto é, o sentido daquilo que acontece nos é frequentemente negado, é o escuro,

são as trevas. Daí a necessidade de sermos também inatuais.

Assim pensando, nossa necessidade de compreensão do que se passa hoje, conosco, à nossa volta, socialmente, requer uma habilidade fina de pensamento, exatamente para que não nos deixemos ofuscar pelas luzes intermitentes que brilham o tempo todo, por toda parte. E que nos prometem alguma coisa o tempo todo. Que nos prometem, enfim, a felicidade. É o que nos prometem os sistemas de comunicações o tempo todo. Prometem sobretudo a felicidade ou a resolução fácil dos problemas que se apresentam.

O combate à ignorância, às superstições, às crenças, às promessas do consumismo, por exemplo. O combate à simples admissão das modas é exigência básica para a busca daquilo que chamamos emancipação. No sentido individual e no sentido social. Ou seja, a busca de uma autonomia de pensamento e de ações.

O filósofo [alemão Emmanuel] Kant chamava isso de saída da menoridade. Somos menores quando estamos no reino da ignorância, da superstição, da submissão às promessas, às modas etc. Saímos da menoridade quando entramos na crítica. Isto é, quando fazemos uso adequado do pensamento, dos conhecimentos, das informações. Ter a coragem de fazer uso crítico da razão, diz o Kant. Isto é, ter coragem de discriminar nos nossos sentimentos e emoções, suas potências efetivas de vida, e não os seus enganos.

Somos o tempo todo seres pensantes e sensíveis. Simultaneamente. Emoções e sentimentos valem tanto quanto os pensamentos que dirigem e que conformam as vivências de vocês. Entretanto, emoções e sentimentos podem se constituir em tiranias da vida íntima. Tiranias da individualidade. Discriminar onde o pensamento, o sentimento e as emoções contribuem para que a vida seja melhor para nós, em nós. Isso é fundamental.

O que chamei de orientação no pensamento é básico para isso. A paixão de pensar, de criticar, é própria dos homens esclarecidos. E me parece que é própria dos jovens esclarecidos. Esclarecidos quando se veem diante do escuro do presente; o esclarecimento vem da perspectivação do que aparece como verdade, isto é, do pôr em perspectiva. Perspectivar é habilidade de pensamento fundamental, porque ela produz distanciamento, produz aquela inaturalidade a que me referi.

A produção do distanciamento ajuda a produzir associações entre as coisas do presente e as do passado, as coisas do passado e as promessas do futuro. Associar é uma habilidade que desenvolvemos que vem exatamente de uma atividade de pensamento, sempre pronto a ver, no escuro, o sentido. A ver, no claro, o escuro. A produção desse distanciamento que precisamente faculta associações entre o que o passado afirmou, consolidou ou não consolidou, e

aquilo que no presente é ainda inconsistente é uma grande atividade que temos diante de nós. A atividade de conhecimento e a atividade de compreensão e de comportamento na vida dependem dessa associação, entre aquilo que o passado nos propõe como realizado, consolidado, ou que deve ser afastado.

A inconsistência do presente gera exatamente a inquietação e a necessidade de construirmos alguma paisagem que nos explique e nos convença das opções que fazemos. Treinar-se para reconhecer no presente esses sinais, os sintomas de dominações, isto é, aquilo que pretendem nos impingir como solução de vida, alguma coisa já pronta, geralmente um fetiche, como estar na moda, por exemplo. Estar no ápice de alguma coisa, *up do date*. Esse fetiche é muito evidente.

As modas, evidentemente, são um bom assunto para treinar o distanciamento e a habilidade do pensamento. Porque são exatamente uma experiência de prazer, de gosto, absolutamente legítimos, e ao mesmo tempo um lugar fácil de exercitarmos nossa desconfiança daquilo que nos é prometido facilmente como felicidade. Vivendo a moda, percebe-se que ela, na sua aparente claridade, também tem algo de obscuro. Por ser passageira ela não nos dá mais do que o prazer passageiro – absolutamente legítimo e buscado por nós, claro. Mas não nos permite que cedamos a uma verdadeira arte de viver, isto é, a um comportamento, ações, modos de

fazer em que o sentido dirige aquilo que fazemos, aquilo que sentimos, que pensamos.

Portanto, acreditar é sempre possível e necessário. É uma necessidade que nos move o tempo todo; temos que acreditar em alguma coisa, mas estamos sempre também desconfiando dessas mesmas coisas. Acreditar passa pelo distanciamento, pela criticidade. Ciência, filosofia, arte são possibilidades abertas para o desenvolvimento desse perspectivismo, isto é, fazer com que aquilo que aparece como verdade no pensamento, no sentimento, nas emoções, na política, nas ideologias, nas religiões sejam avaliadas. O processo de avaliação é um processo fundamental que desenvolvemos pelos estudos, pelos conhecimentos, pela criticidade.

Todos sabemos que vivemos numa sociedade de risco. Uma era do perigo, em um sistema que funciona, que carece exatamente de um sistema de referência que possa interpretar aquilo que nos acontece, que carece de condições para validar os valores que aparecem como verdadeiros.

Quando falo dessas coisas, gosto sempre de citar um filósofo português pouco conhecido, Eduardo Prado Coelho, que há muitas décadas, num artigo de jornal que eu guardei, falou o seguinte: o que se lamenta hoje é que não existem ideias que salvem, nem ideias que fundamentem, de modo que nenhuma ideia por si só nos assegure a salvação. Nenhuma ideia é portadora de uma verdade que

salva. Nenhuma ideia nos dispensa de sermos nós próprios e criarmos nosso modelo e itinerário de salvação. Nenhuma ideia é suficientemente forte para fundamentar uma prática que funcione como ciência rigorosa das práticas e trabalhos humanos, das atividades humanas. Diz ele, de maneira muito bonita: sem astros que nos guiem, sem uma ciência de navegação que apenas seja preciso aplicar, avançamos agora num mar de surpresas e incertezas. Contudo, ele diz, o panorama das ideias contemporâneas, presentes, à nossa disposição, é feito de múltiplos acontecimentos interessantes e simultâneos. Se não procurarmos ideias que salvem ou fundamentam, mas o conhecer, as teses, os conceitos, as redes, as deslocções, as derivas, as invenções que aparecem, deparamos com uma paisagem a nós desconhecida e proposta para que seja decifrada e configurada.

Nosso desafio, hoje, é decifrar os sinais, os sintomas à disposição e em surgimento, a cintilação dos vaga-lumes que aparecem e nos seduzem o tempo todo, e configurar essa paisagem desconhecida. Isso é entrar no reino da liberdade, da autonomia, no reino que quer exatamente, pela desconfiança e pela suspeita, trabalhar com a tentativa de produzir a criticidade em nossos sentimentos, em nossas ações, em nosso dia a dia. Essa tarefa é eminentemente ética, moral e política. Ver no escuro o que brilha intermitentemente como vaga-lumes nos habilita a configurar e

decifrar essa paisagem desconhecida. Isso nos é proposto e se ativa à escola no momento em que ela tem dificuldade de construir sistemas de conhecimento fechados para transmitir. Mas que quer e que pode constituir processos, procedimentos, que a habilitem a isso. Está falado.

Márcio Moretto – Antes de começar, gostaria divulgar nosso trabalho. Temos um *site*, www.monitordigital.org, com a maior parte dos dados, informações e análises que produzimos. Nossa página no Facebook a Monitor do Debate Político no Meio Digital. Trata-se de um projeto desenvolvido com o professor Pablo Ortelado na USP Leste. Uma das coisas que fazemos é acompanhar o debate político no Facebook, principalmente. Minha intenção aqui é contar um pouco desse projeto.

O tema desta mesa sugere que eu explore uma espécie de conflito entre o saber científico e uma espécie de um achismo. Sobre a parte do conhecimento crítico, científico, o professor Celso dissertou bastante; vou ficar com a parte do achismo, objeto de nosso estudo que são o que informalmente se chama de *fake News*. Não gostamos muito desse termo, prefiro usar desinformação. O contraste entre desinformação e ciência fica a cargo do vou apresentar para vocês, fruto de um trabalho científico. E entendo que com isso estou fazendo ciência, e isso cria um certo contraste.

Me alertaram para eu não subestimar esta audiência; então preparei o que teria preparado para os congressos de que participo. Basicamente, vou apresentar os dados que embasam esse trabalho. Sobre um tanto das coisas que vou mostrar a gente temos refletido faz três anos. Um tanto das coisas que vou apresentar são hipóteses, são ideias, e é assim que as apresento quando eu vou a um congresso científico. Quando as apresento para um grupo é para eu poder ter o *feedback* e pensarmos juntos sobre um fenômeno social, que merece ser olhado e está sendo investigado. Comentei antes que essa é a maior audiência para qual já falei sobre os meus trabalhos; estou impressionado!

Resumindo, vou tentar mostrar como a desinformação é disseminada no meio digital. Meu objeto específico é o Facebook, mas eu acredito isso valha para várias das mídias sociais.

Primeiro, existe a produção de uma matéria jornalística. Essa produção é feita por um veículo profissional de jornalismo, um portal, G1, Globo, Folha, Estado, Veja. Um veículo de jornalismo faz a apuração, tem um método de aferição etc. Depois, *sites* que chamamos de hiperpartidários – evitando dizer que são *sites* de *fake news* porque não são exatamente. Esses *sites* hiperpartidários pegam a matéria e a recontextualizam. Não é exatamente que estão inventando, por isso não chamo de *fake news*. Eles pegam a matéria, recontextualizam e a reescrevem; ou parte da matéria,

ênfatisando algum ponto de interesse deles. Uma vez que isso é recontextualizado e publicado, uma série de páginas do Facebook compartilham essa matéria, de maneira coordenada com esses *sites*, e então, milhares, às vezes centenas de milhares de usuários engajados e polarizados compartilham a matéria nas suas redes de amigos, e essa informação se espalha. Esse é mais ou menos o roteiro da disseminação da desinformação nas redes sociais

A manchete Do Brasil 247, um desses *sites* que estou chamando de hiperpartidários, é a seguinte: “*New York Times* - Partidário, Moro jogou a democracia brasileira no abismo”. Essa é uma matéria no dia 23 de janeiro do ano passado. Naquele momento, Lula estava sendo julgado em segunda instância pelo TRF 4 e viria a ser preso mais de um ano depois. Esse é o contexto.

No dia seguinte, o *site Notícias Brasil On Line* publicou a seguinte matéria: “*New York Times* elogia juiz Sérgio Moro e diz que magistrado se tornou o rosto da prestação de contas no país”. Essa primeira notícia foi compartilhada 123 mil vezes. Coloquei a manchete da forma como ela foi publicada no *Brasil 247*. Versões muito parecidas dessa manchete saíram em outros veículos hiperpartidários de esquerda. Esses 123 mil são a soma do compartilhamento de todas as matérias. A do *Notícias Brasil On Line*, se não me engano, teve 88 mil compartilhamentos.

Para entendermos o que eu estou chamando de desinformação tipicamente o que imaginamos é que alguém inventou alguma coisa e está publicando uma invenção num *site* e isso está sendo compartilhado. Isso acontece com alguma frequência, mas não é exatamente o fenômeno massivo, digamos. Não é isso o que de fato preocupa.

A maior parte do que está circulando na internet, o fenômeno que de fato vale a pena investigar, é uma coisa muito mais sutil. São essas recontextualizações. Contextualizando: Lula estava sendo julgado no TRF 4 pelo juiz Sergio Moro. O *New York Times* está cumprindo um papel quase neutro, observando o cenário brasileiro de longe; para a esquerda, o juiz Sergio Moro seria partidário e teria jogado a democracia no abismo e o *New York Times* teria dito isso. A direita estaria dizendo que o mesmo *New York Times* elogia o juiz Sergio Moro e diz que ele é o rosto da prestação de contas no país. Existe uma disputa, e um está respondendo ao outro.

De onde vêm essas duas matérias? A primeira vem do *New York Times*, de uma coluna do Mark Weisbrot que saiu alguns dias antes do julgamento do TRF. De fato, essa coluna é muito crítica ao juiz Sergio Moro. Mas ela não é exatamente um editorial, não é a opinião do *New York Times*, mas a de um colunista. A matéria do *Brasil 247* não é exatamente falsa, mas dá a entender que aquela é a opinião, a posição oficial do jornal, quando

não é. É a posição de um colunista. Nos grandes jornais, os colunistas têm liberdade para escrever o que querem. É uma boa prática do jornalismo. Certamente essa não é a posição oficial do *New York Times*, mas quando o *Brasil 247* reinterpreta aquilo, ele escreve como se o *New York Times* estivesse respaldando aquela posição.

Quando começou a circular na rede da esquerda essa notícia de que o *New York Times* teria criticado o juiz Sergio Moro, o que aconteceu é que o *Notícias Brasil On Line* respondeu, embasado numa notícia de um ano antes. Eles descontextualizaram, pegaram uma notícia do *New York Times*, não exatamente do editorial, totalmente fora de contexto, mais de um ano antes, quando a operação Lava Jato estava em outro momento, quando não estava em questão se Lula seria preso ou não. E pegam essa matéria fora de contexto para rebater a crítica que estava vindo da esquerda, de que o *New York Times* estaria criticando Moro.

Nenhuma das duas manchetes é são falsa propriamente, mas elas estão exagerando um ponto, estão descontextualizando, estão recontextualizando para defender uma determinada narrativa. Na verdade, cada uma está defendendo sua narrativa. Nesse caso particular, com a ironia de que cada um está defendendo sua narrativa usando como uma espécie de júri neutro o mesmo veículo, o *New York Times*.

É esse tipo de coisa que estamos observando com muita frequência nas

redes sociais e é esse fenômeno que estamos tentando entender.

E o que acontece? Identificamos o que a passamos a chamar de ecossistemas. Eu peguei o exemplo do Notícias Brasil OnLine só para bater com o exemplo que eu estava seguindo. Uma porção desses *sites*, eles estão conectados com uma rede de páginas. Aqui é uma espécie de mapa disso, ali está a Notícias Brasil On Line nessa bolona grandona em destaque, as outras bolas que estão em rosa ou vermelho são as várias páginas que a gente identificou que têm a prática de compartilhar tudo ou quase tudo que sai no *site* Notícias Brasil On Line.

Essa rede não é só um *site*, ela tem o *Notícias Brasil On Line*, o *Lava Jato News*, o *Política Brasil* e *Escapului*. São quatro *sites* conectados a uma série de páginas que ficam compartilhando desses mesmos *sites*. Uma prática bastante comum.

A ideia é que a página tenha uma posição política marcada. Ela está defendendo uma posição política e todo mundo sabe disso. Mas ela quer convencer seus leitores de que aquilo que ela está defendendo tem um embasamento neutro vindo do jornalismo. E o que ela faz? Procura ou mesmo produz o *site*. No caso do *Notícia Brasil On Line* é esse o caso. O ecossistema do MBL [Movimento Brasil Livre], por exemplo, tem as páginas do MBL e tem “parceiros”, que não são exatamente eles, mas páginas com as quais eles concordam. E ficam o tempo todo compartilhando

daqueles *sites* para passar a sensação de que aquilo seriam fatos, não opiniões, que estariam corroborando as opiniões que estão circulando naquela página.

Trata-se de uma prática comum, tanto da esquerda quanto da direita. Identificamos uma porção desses ecossistemas, fizemos esse mapeamento e publicamos numa matéria da *Época*. Às vezes, algumas dezenas de páginas ficam replicando tudo o que sai nesses *sites* e, repetindo, eles recontextualizando matérias que estão saindo na mídia.

Só para ter uma ideia, identificamos 12 desses ecossistemas e medimos o alcance desses ecossistemas em um ano. Peguei a média por semana olhando para um ano inteiro. Alguns desses ecossistemas são responsáveis por uma grande parte do que circula no Facebook. O maior de todos, enorme mesmo, é o Movimento Contra a Corrupção, depois vem o Movimento Brasil Livre, o News Atual; o Notícias Brasil On Line está mais abaixo. Tem alguns ecossistemas da esquerda também; são menores, mas há.

Em termos de números: o Movimento Contra a Corrupção, o maior, tem mais ou menos 4 milhões de compartilhamentos por semana. É uma boa fatia do que circula na rede. Mais do que isso, 4 milhões de compartilhamentos por semana é muito, muito, muito mais do que se lê em jornais impressos. Para colocarmos numa escala, é certamente menos do que a audiência do Jornal Nacional,

mas de uma ordem de grandeza maior do que o número de leitores da Folha de S.Paulo. Essas notícias aparecem na *timeline* das pessoas e elas compartilham. Mas o fato é que tem mais gente lendo e compartilhando notícias que estão circulando nesse ecossistema do Movimento Contra a Corrupção do que lendo os maiores jornais do país; é mais do que se você somar os grandes jornais do Brasil e as revistas. O negócio só perde para a TV.

Recapitulando: a matéria sai num grande jornal, é recontextualizada num *site* hiperpartidário e republicada numa série de páginas que estão operando de maneira coordenada com esses *sites*. Isso eu tenho bastante clareza. Não é algo fortuito. As páginas estão o tempo todo acompanhando esses *sites* e compartilhando desses *sites* específicos.

Mas isso não é o suficiente. Isso é muito diferente de um canal de TV. É claro que um canal de TV depende de transmitir uma coisa interessante para ele audiência, mas quando você está na mídia social, a dependência do canal com o usuário é de outra ordem. Qualquer coisa só vai ter alcance se uma fração considerável dos usuários considerar que aquilo é suficientemente interessante para compartilhar com seus amigos virtuais, com as pessoas que a seguem nas redes sociais.

Para ter um alcance tão grande como costuma ter o ecossistema do Movimento Contra a Corrupção, esses *sites* precisam convencer as

pessoas a compartilhar aquilo. O que parece que está acontecendo é que um setor considerável da população, esse pedaço que costumamos chamar de esfera pública, são as pessoas interessadas em disputar os discursos públicos, que estão acompanhando o debate político pela imprensa, pelas redes sociais e estão tentando disputar o sentido do debate político. Elas estão hiperengajadas.

O estudo que fazemos com as redes sociais é complementado com pesquisas em manifestações e pesquisa de opinião. Fizemos umas duas semanas atrás na cidade de São Paulo, olhando os moradores do município de São Paulo; estávamos investigando os eleitores do Bolsonaro. Isso vai sair na *Época* da semana que vem. É uma matéria falando dessa pesquisa, que está investigando os eleitores do Bolsonaro, por que eles votaram, quais são suas posições políticas etc.

Perguntamos às pessoas na cidade de São Paulo se elas participaram de manifestações nos últimos cinco anos, desde 2013. Então perguntamos quem foi ao “Fora, Dilma”, quem foi a alguma manifestação pelo *impeachment*, a alguma contra o *impeachment*, à manifestação do “Ele não”, a campanha, e quem foi à manifestação “PT não” resposta ao “Ele não”. E aí perguntamos se entrevistado foi em algum protesto desde 2013.

Vinte e nove por cento dos entrevistados falaram que participaram de protestos desde 2013.

Os anos 1980 são conhecidos como um momento de muita efervescência no Brasil, de Diretas Já etc. As pesquisas mais otimistas feitas nos anos 1980 falam em 10% da população participando de manifestação.

Aqui, estamos falando em 29%, na cidade de São Paulo, em pontos de fluxo. Não pegamos pessoas que não costumam sair de casa etc. Ainda assim, estamos falando de 30% das pessoas que estavam passando aleatoriamente pelas ruas de São Paulo e participaram de alguma manifestação. Pablo Ortelado e eu entendemos que isso algo sem precedentes na história. Quer dizer, as pessoas estão de fato se mobilizando, indo pra rua, lutando, seja no que quer que acreditem, mas lutando por aquilo que acreditam.

É o contexto social em que estamos vivendo, de enorme mobilização social. Essa mobilização, no fim de 2013, passou por um processo e ganhou uma estrutura polarizada.

Selecionamos as 500 maiores páginas de política, em quantidade de seguidores, e tentamos mapear da seguinte forma: cada uma dessas bolinhas representa uma dessas páginas que selecionamos e cada conexão entre as páginas tem ligações entre essas bolinhas. Essas ligações representam pessoas que interagiram com as páginas ao mesmo tempo. Quanto mais pessoas interagiram com duas páginas ao mesmo tempo, maior é essa ligação. Quanto mais forte a ligação, mais próximas ficam as páginas. E organizamos

tudo espacialmente. Assim sendo cuidadoso no método, mas tentando ser simples na explicação, é como se cada bolinha tivesse uma força de repulsão e o número de usuários comuns das páginas é uma força de aproximação. E isso entra numa espécie de equilíbrio físico e organiza as páginas em termos de comunidades de leitores.

Existem pouquíssimas páginas, pouquíssimos atores que conseguem se comunicar com os dois lados desse debate. Esse é um processo que se formou no fim de 2013 e começo de 2014. O que aconteceu é que páginas anticorrupção no Facebook não estavam alinhadas com nenhum dos lados do espectro político, estavam de fato no meio do espectro, entre a esquerda e a direita. Essas páginas se colapsaram com a direita, e isso criou uma cisão no debate político.

Hoje, o debate está estruturado em dois polos: de um lado, esse polo que se organizou em torno da retórica antipetista de apontar o Partido dos Trabalhadores como mais corrupto da história; o outro lado se estruturou contra esse grupo e por isso às vezes chamo isso de antiantipetismo. Chamar esse lado de esquerda não é forçado; o lado direito, acho que é mais correto falar antipetista do que chamar de direita, porque as posições deles são um pouco mais confusas do que simplesmente à direita.

Um veículo solta uma matéria evidenciando algum fato político, evidenciando, noticiando alguma coisa. Um *site* hiperpartidário

reconta essa história enfatizando um ponto específico que melhor encaixe na narrativa de um desses polos. Quando o Lula estava sendo julgado em segunda instância, um lado queria vender a ideia de que o que estava acontecendo era um julgamento idôneo por um juiz honesto que estava fazendo uma ação republicana, uma ação correta de tentar acabar com a corrupção. Do outro lado, a narrativa é de que havia uma perseguição política e de que o que estava acontecendo era uma perseguição partidária contra um ator político específico. Cada um tem sua narrativa. O que o *New York Times* fez foi soltar uma matéria tentando explicar qual era o contexto político no Brasil. Cada um dos lados desse debate recontextualizou focando só o que sai da matéria que encaixa na sua narrativa. Quando as pessoas que estão hiperengajadas, participando, tentando muito convencer umas às outras, elas veem uma matéria que está enfatizando aquilo que encaixa perfeitamente na sua visão de mundo. O que elas fazem é prontamente olhar para aquilo e compartilhar.

Se entendi bem a fala do professor Celso, exatamente isso é uma ação irrefletida, acríica. É você olhar para a informação que chegou e, porque ela se encaixa tão bem com aquilo que você já acredita, você suspende o seu juízo e diz “ok, isso aqui deve ser verdade”. E aí você compartilha, com duas intenções, me parece. Uma é que você quer mostrar aos seus pares, às pessoas que estão do mesmo lado que

você, que “olha só, eu concordo com seu jeito de pensar o mundo, faça parte desse grupo”; e a outra coisa é tentar convencer as pessoas que estão do outro lado, que “tá vendo os fatos?”, porque aquilo se parece um fato sai com uma cara jornalística, num *site* que mimetiza o jornalismo. Ele está tentando que “você está errado, o meu lado está certo”. Acho que é mais ou menos isso que está acontecendo.

Gostaria de terminar tentando conectar um pouco com a questão da discussão sobre ciência, sobre desinformação, contando de uma forma menos científica e mais anedótica. Assisti ao documentário *A Terra é plana*. Sugiro fortemente, gostei muito de ter assistido. Se alguém já assistiu, convido a fazer comentários sobre isso; quem não assistiu, vou fazer *spoiler*. Mas acho que vale a pena assistir mesmo assim.

O documentário tenta entender o que é esse fenômeno das pessoas que não só acreditam como defendem que a Terra é plana. Eles militam com essa pauta de que a Terra é plana e que na verdade a NASA está tentando enganar as pessoas dizendo que a Terra é redonda. Gostei bastante porque o documentarista é muito feliz em tentar não estigmatizar essas pessoas. A primeira reação é olhar e dizer: “essas pessoas são doidas, o que elas estão falando?”. E o olha para esse grupo de uma maneira menos caricatural e tenta de fato entender o que está acontecendo. A minha leitura do documentário é que o

documentarista está tentando mostrar é os terraplanistas são céticos. Eles olham a Terra e percebem-na plana e são céticos quanto àquilo que vem do saber científico. Isso é uma espécie de postura antiautoritária. É como se a ciência fosse uma autoridade que eles estão negando de maneira cética. É claro que nesse caso é um ceticismo exacerbado, mas é. Tem claramente um efeito em rede de legitimação.

O que é um efeito em rede? Efeito em rede é quando você tem uma coisa que é tão mais valiosa quanto mais gente participa dela. Nesse caso, é um efeito em rede de legitimação. Quanto mais pessoas começaram a participar daquela comunidade e dizer: “esses caras não são malucos, de fato a Terra é plana”, cada vez mais pessoas começaram a levar aquilo a sério e a comunidade começou a crescer. O personagem principal do documentário é um terraplanista; um personagem coadjuvante é a mãe, quenão é exatamente terraplanista, mas tem uma hora em que ela fala explicitamente: “eu achava meio doido, mas agora eu tô vendo tanta gente que acredita nisso, que talvez não seja tão doido assim”. Quer dizer, tem um efeito em rede de legitimação.

Por fim, tem claramente um reforço positivo, a pessoa se sente participando de uma comunidade, se sente especial e diferente, e sente acolhida por aquela comunidade de pessoas que acreditam tanto quanto ela.

O documentário mostra uma conferência de Astrofísica e um astrofísico está falando sobre os

terraplanistas, que ele descreve como cientistas em potencial. Acho isso bonito, porque, claro, tem um ceticismo exacerbado que a gente interpreta como algo quase cômico. Aquelas pessoas estão tentando fazer experimentos, elas começam a ter acesso à ciência exatamente porque elas estão questionando o saber que vem da autoridade científica e estão querendo se convencer por si próprias e fazendo os seus experimentos. Assim, elas começam a ter o primeiro contato com a ciência.

Qual é o problema aqui? É que estas coisas estão em disputa. De um lado você tem esse discurso científico cético. O ceticismo faz parte da ciência, esse é o meu ponto. Você tem esse impulso cético, que eu não diria que é ruim para a ciência, mas é de uma maneira exagerada, e isso está de alguma forma em conflito com o reforço positivo que eles têm quando são acolhidos por aquela comunidade. O documentário mostra que alguns desses caras fizeram experimentos, que mostram que a Terra é redonda, óbvio. A não ser que eles tenham errado no experimento,. Os experimentos mostram que a Terra é redonda, mas eles não incorporam aquilo porque um incentivo para continuar acreditando que a Terra é plana; o acolhimento daquela sociedade é tão grande que uma coisa compensa a outra.

O jornalismo, a esfera pública no Brasil era uma esfera muito restrita até muito pouco tempo atrás. Quem lê jornal no Brasil é uma fração

muito pequena. Quando digo que no Facebook tem muito mais gente do que lê jornal, na verdade tem dois lados essa história. Um lado é uma elite muito restrita no Brasil que lê jornal e participa do debate político. Eu não sei direito por que é que tem tanta gente, nos últimos anos, que passou a participar de maneira tão apaixonada pela política. Mas o fato é que, uma vez que isso aconteceu, essas pessoas começaram a se interessar por política. E elas estão entrando na política de uma maneira meio atabalhoada, mais ou menos como os terraplanistas estão entrando na ciência. Do mesmo jeito que os terraplanistas são exageradamente céticos, esse contingente de pessoas entrando na política é exageradamente céticos em relação ao sistema político. Eles estão dispostos a derrubar tudo, nas palavras do presidente, “a mudar tudo isso que tá aí”. Eles estão dispostos a colocar tudo de ponta-cabeça. Entendo que isso não é a coisa mais saudável a fazer, mas acho que é mais ou menos isso que está acontecendo. Não basta olharmos pra esse fenômeno e dizer: “O que está acontecendo é que todo mundo ficou idiota do dia pra noite”.

As pessoas estão querendo e tentando participar do debate político e não sabem muito bem como, fazem tudo de maneira atrapalhada. Acho que faz parte do nosso papel de cidadãos, participando dos debates políticos, continuar a participar deles e puxar isso para um campo que faça mais sentido.

José Auri Cunha – Considerando as duas falas, queria fazer um exercício do ponto de vista do aluno, como se eu fosse um aluno e, depois de ouvir as duas falas, ficasse pensando assim: bom, eu vim pra escola buscar um desenvolvimento não de uma orientação do pensamento, uma orientação no pensamento, como diz o professor Celso. Não uma orientação de doutrinação do pensamento, mas uma orientação no pensamento para alcançar uma emancipação, um pensar por si próprio, crítico. No sentido de pensar crítico do professor Celso, um pensamento inatual. Ao mesmo tempo contemporâneo e inatual. E distanciado para poder fazer a reflexão. O professor Celso coloca que, para poder chegar a isso na escola, seria interessante a atitude de suspeita, de desconfiança em relação aos conteúdos e aos procedimentos daquilo que é apresentado. E isso seria um mecanismo de validação desses conteúdos.

O professor Marcio falou do roteiro de disseminação de desinformação. Ele deu um roteiro da produção de conteúdos apurados, conferidos, com certa garantia de verdade, e que são acolhidos por alguns *sites* hiperpartidários que, comparando com a escola, têm conteúdos que também são produzidos, apurados, em outras instâncias de pesquisa, como universidades e institutos de pesquisas. Os *sites* hiperpartidários são os nossos livros didáticos, e esses livros didáticos recontextualizam,

dão ênfases, em vista do aluno, dos processos de aprendizagem, dos objetivos de aprendizagem, e compartilham.

O roteiro, a rigor, pode ser aplicado nas duas situações. Tanto na de disseminação de desinformação, quanto na de disseminação de conhecimento científico e conhecimento crítico. Como é que eu, aluno, sei que, apesar de dizer que eu estou desenvolvendo a orientação no pensamento, também não estou sendo objeto de uma orientação do meu pensamento?

Pergunta – *Pensamos em montar este Fórum refletindo muito sobre o atual obscurantismo pelo qual passamos. Pensando um pouco sobre esse conceito da razão, o distanciamento dos pensamentos e informações que Celso apresentou, pergunto se esse obscurantismo se encontra principalmente na disseminação dessa informação ou se está nessa aceitação dos argumentos sem o uso da razão.*

Celso Favaretto – São as duas coisas. Essa coisa da planaridade da Terra é equivalente ao fato de que no Brasil se estabeleceu uma planaridade em relação à política. Então, houve um trabalho muito bem feito em termos de informações, totalmente partidário, ou seja, ideologicamente manipulado para dizer que tudo o que se faz em política não vale nada. Como o mais próximo era o PT, então o PT se tornou, digamos, a metáfora

da não validade da política. Então, o ceticismo é sobre a política, que não vale a pena.

Isso abre o campo para o autoritarismo, para explorar a ignorância. Esse ceticismo é disseminação da ignorância. E abre o campo para eliminar a política e, no lugar dela, se enfatizar outro tipo de ação política, que não é nem a partidária, nem a das posições ideológicas, mas é aquela da força. Na verdade, a irreflexão, a falta da suspeita, a não percepção dos sintomas do autoritarismo e a credência em tudo o que se diz, seja que a terra é plana ou que o criacionismo é que explica tudo o que existe, ou seja, um deus e não exatamente uma produção histórica, acaba funcionando no mesmo diapasão.

Acho que nós estamos falando das mesmas coisas. Eu, de uma forma, digamos, mais abstrata; e Marcio, concretizando com um ponto fulcral de hoje, exatamente a desinformação, com um processo de produção da irreflexão.

Pergunta – *Em conexão com a pergunta anterior e tentando entender as origens e as bases desse obscurantismo, queria perguntar sobre a relação que você fez desse ceticismo no âmbito da ciência, relacionando também o âmbito da política, de forma que esse obscurantismo não poderia ser atribuído, em alguma parte da explicação, a uma ciência inacessível*

e, portanto, também a uma política inacessível?

Atualmente, é uma população imensa e dentro disso todo mundo é jogado para as margens, todo mundo fica marginalizado de algo muito específico. Pessoas passam a vida inteira estudando e você lê um negócio e não tem ter base, você não vai passar a vida inteira estudando para poder contestar o dito.

Marcio Moretto – Meu ponto é esse mesmo. Acho que você pegou bem o espírito de que uma parte do processo atual tem essa contradição, porque, claro, o modelo que ganhou é um modelo com discurso autoritário. Quero deixar claro: quem assumiu a Presidência assumiu com um discurso autoritário, e eu acho que temos que, de alguma forma, estabelecer os limites disso e dizer que não, que não pode ser autoritário. Mas, ao mesmo tempo, concordo que tem essa dimensão acrítica: ao mesmo tempo há um setor da sociedade querendo participar da democracia.

Não sei se é uma questão de complexidade ou se isso vem de algum outro lugar. Mas concordo com o diagnóstico de que temos um modelo segundo o qual essa política é para muito poucos. A resposta a essa política para poucos foi populista. Não tenho grandes problemas com isso, acho que tem um pedaço do populismo que é uma dimensão democratizante, mesmo. Estou insistindo nessa contradição. Tem um lado do populismo que é

inclusivo, coloca mais gente dentro do debate. Porque ele simplifica o debate. Exatamente como você está dizendo. O que está acontecendo essencialmente é que o debate está sendo simplificado, e quando ele assim, ele inclui mais gente.

O problema é que o populismo não acontece só no Brasil, o fenômeno populista é internacional. Na Espanha e na Grécia, por exemplo, o que vingou foi um populismo de esquerda. Aqui no Brasil, o que aconteceu é que o populismo veio com esse caráter autoritário, que tem que ser combatido, não é? Então há esse processo de simplificação da política, de alguma forma inclusivo, mas com essa cara autoritária, que tem seus problemas.

Não é muito óbvio para mim o que tem que acontecer. Porque a resposta natural é a seguinte: o que temos que fazer é lutar pelas nossas instituições. Não acho que há um problema em relação a isso. Agora, nossas instituições, tradicionalmente, historicamente, sempre foram elitistas. Quando você diz que temos um fenômeno populista, esse fenômeno é autoritário e isso assusta, concordo, e a resposta é: “então vamos recuperar como era antes”. Bom, antes era elitista. E você tem um pedaço da população que fala: “não, como era antes, de jeito nenhum”. Acho que é nesse lugar estamos. Como que damos uma resposta que ao mesmo tempo mantenha essa inclusividade do caráter populista, mas não tenha o caráter autoritário do campo que

venceu? É o tipo de pergunta que eu estou querendo responder.

Celso Favaretto – É perfeita a colocação de Marcio. O que diz leva ao seguinte: toda a questão está de que a não discriminação, digamos, nessa expansão “democrática”, a não existência do que eu chamei de criticidade, desconfiança etc. está exatamente revelando o estado de inanição do país há muito tempo, inanição daquilo que chamamos de educação e cidadania. Isso está pondo a nu aquilo que é um país que não se apropriou como país e que na sua base tem uma única coisa, a desigualdade.

Pergunta – Queria fazer uma pergunta que os dois podem responder. A gente está vivendo uma crise muito grande, no mundo inteiro, mas principalmente no Ocidente, desse modelo de democracia liberal, e vocês falam muito dessa questão do obscurantismo que atenta um pouco contra esse modelo. Vocês acham que esse modelo está com os dias contados ou ele vai se reinventar e se expressar de alguma outra forma?

Celso Favaretto – Essa é uma das dificuldades que tenho assinalado aqui. Identificamos claramente hoje, no Ocidente, ou seja, nisso que está estabelecido como um sistema econômico e político chamado liberalismo capitalista, uma lógica cultural bem determinada.

É uma lógica baseada no primado da mercadoria, isto é, no sistema de trocas, e o estágio final desse capitalismo é o capitalismo financeiro. Por exemplo, no Brasil, estamos estagnados em termos de produção e de investimento porque o que há, vamos dizer assim, de riqueza no país está girando em termos de capitalismo financeiro e não em termos de produção.

Verificamos, como você disse, que no mundo inteiro há problemas desse tipo, não só o Brasil, evidentemente. Esses problemas são antes de tudo de grande extensão, exatamente a proliferação de todas as formas de capitalismo, no mundo inteiro. E não há jeito de se pensar outro modo de funcionamento que não este. A questão toda é que o poder que age em cada país pode ser diferenciado, suas estruturas de poder.

Por isso é que a gente encontra em um país ou em outro as diferenças de ações. No Brasil, por exemplo, a coisa está muito complicada, com a imposição desse modelo autoritário que está se impondo cada vez mais, de forma avassaladora, sem que percebamos que, por enquanto, apesar da maior participação, como a estatística que Marcio mostrou, percebemos que por enquanto está muito cedo para se perceber se temos condições de estabelecer – e onde, e como – formas de resistência a isso. Essa é a dificuldade.

A palavra resistência é a pmais utilizada no mundo inteiro, hoje. Resistência a quê? Resistência a

todas as formas de dominação, de imposição e de prescrições que limitem o que se chama liberdade e acesso à livre informação e à saída do que chamei de minoridade, ou seja, do estado de desigualdade em vista de uma busca de emancipação. Quer dizer, os diversos lugares diferem, há alguns em que a situação é muito mais grave do que a brasileira, na África, na Ásia etc., e há outros, digamos, como na disputa do Brexit, em Londres, ou as proposições preconceituosas nos Estados Unidos, que veem de modo diferente a maneira de sair desse estado.

Mas certamente não temos uma proposição que esteja funcionando realmente e que nos leve a pensar que teremos à nossa frente alguma coisa a médio prazo, pelo menos. A posição que assumimos e que se assume provavelmente em todos os lugares é que se deve pôr em questão esse modo de funcionamento dos poderes. Está assim, neste momento.

Marcio Moretto – É pergunta muito difícil, eu não sei responder, desculpa.

***Pergunta** – Uma coisa que eu percebi nas duas falas é que existe uma ausência. Celso falou de ausência de uma ideia que guie, uma ideia forte e central em que as pessoas acreditem, e Marcio falou de uma ausência de comunidade. Fiquei pensando nessa questão de ideia e comunidade; No início do século XX a gente tinha as vanguardas e as principais ideias*

que guiavam basicamente tudo. As pessoas acreditavam no dadaísmo, no surrealismo e criavam comunidades baseando-se nisso. Não muito diferente do que acontece agora: você acredita que a Terra é plana e cria uma comunidade de terraplanistas. Mas tem uma coisa diferente entre a condição do início do século XX e a do início do século XXI. Qual seria a diferença que cria esse obscurantismo de que a gente está falando?

Celso Favaretto – No início do século, vivemos a era das revoluções, inaugurada no século XVIII, quando esse ideal de emancipação se tornou forte e levou à constituição das nações europeias e que, com o que se chamou de revoluções, foi levando a termo as proposições políticas, econômicas, culturais e artísticas que tinham se articulado nos séculos anteriores. Em meados do século XIX até as primeiras décadas do século XX assiste-se a um período de transformações fantásticas, em grande parte propiciadas pelas descobertas científicas e avanços técnico-industriais. Elas foram modificando não só a face da Terra, mas também os modos e a eficácia dos conhecimentos e os modos de transformação do mundo, da realidade. Isso se dá em ciência, tecnologia, indústria, enfim, no acesso a bens, a transformações arquitetônicas, transformações no ambiente urbano, e assim por diante. Enfim, mudanças políticas, econômicas, culturais etc.

Quando você se refere às artes de vanguarda, há uma diferença muito grande entre aquele período das vanguardas, que vai mais ou menos do início do século XX até mais ou menos os anos 1950, e o que ocorre não só no início do século XXI, mas já no final do século XX, é o seguinte: tudo estava para ser feito em termos de transformação e de ampliação na criatividade humana e na possibilidade de expressão humana. Aquilo que ocorria em ciência e nas técnicas, ou na tecnociência de modo extremamente progressivo e contínuo, passa a acontecer também com as artes, que têm que produzir aquilo que é chamado de novo. O novo era mostrar que aquilo que sempre se chamou arte podia ser mais do que aquilo que se chamava arte. Quer dizer, há uma ampliação do conceito como dos modos de aparecimento das artes. A ideia de ruptura com o passado era uma espécie de gatilho fundamental. No primeiro momento, recusar o que aparecia como arte como sendo a Arte era digamos, um argumento, que depois não se sustentava totalmente, isto é, se percebia que não era preciso rejeitar o que se produziu antes para se ampliar o campo.

Então, as ideias de novo e ruptura foram fundamentais em ciência, em técnica e também nas artes. especificamente, entre o começo do século e o fim dos anos 1950, com o aparecimento da *pop art*, da arte conceitual, *body art*, *minimal art* etc., e parece que esse ímpeto, essa

necessidade de ruptura e de novidade se extinguiu. Quer dizer, à medida que as invenções científicas e artísticas se tornam não só corriqueiras, mas, digamos, progressivas e disseminadas, desaparece a necessidade de contestação, de ruptura, e desaparece o império do novo, que não existe mais porque o novo só existe quando produz estranheza e choque.

Aos poucos, o sistema das comunicações produziu a desnecessidade e, digamos, a improdutividade do choque. Você pega crianças que não se chocam com nada daquilo que talvez ao começo do século chocasse os adultos. O desaparecimento do choque, da eficácia da ruptura e do novo; porque tudo pode, o novo pode a qualquer momento ser outro novo, a paisagem mudou completamente. Algo semelhante a um populismo político, a hora em que o político se dissemina, mas indiscriminadamente, ao mesmo tempo em que ele tem um valor aparentemente inclusivo, como dizia o Marcio. Por outro lado, isso é paradoxal porque a inclusividade não leva necessariamente a uma escolha prudente.

Marcio Moretto – Não sei responder propriamente, mas me parece assim. Eu acho que há um processo neoliberal de isolamento intensificado. Isolamento no sentido de pessoas assumindo os riscos que antes eram divididos socialmente. Isso gera um isolamento comunitário. Por outro lado, você tem uma

proximidade virtual. Tem qualquer coisa que ao mesmo tempo separa a gente, tem uma dimensão econômica que nos separa e uma dimensão tecnológica que nos aproxima daqueles que pensam parecido da gente, inclusive. Acho que tem essas duas dimensões.

Não sei se concordo com o pedaço da sua pergunta que diz que a gente está vivendo um momento de obscurantismo. Vou falar pela última vez, sei que eu estou me repetindo um pouco, mas acho que essa avaliação é parecida com dizer que o sistema de Ensino Fundamental público piorou nos últimos anos. Piorar ele piorou, mas ao mesmo tempo ele se massificou. É isso que eu acho que está acontecendo. “Ah, não, tem uma cacofonia na esfera pública”; tem uma cacofonia porque tem muito mais gente falando. Antes, só o dono, só cinco famílias falavam, e agora você tem milhares de pessoas falando, e a gente percebe uma cacofonia; o efeito dessa cacofonia foi deletério, horrível. Mas o fenômeno principal é essa expansão da esfera pública.

Celso Favaretto – Vou fazer um comentário. Ao mesmo tempo em que temos hoje uma quase impossibilidade de soluções totalizantes, sejam políticas, culturais e inclusive artísticas, estamos percebendo algo fantástico acontecendo. Temos sinais de alguma coisa acontecendo.

Renasce cada vez mais a ideia de comunidade. E cada vez mais

se formam, principalmente nos ambientes urbanos das metrópoles e megalópoles, comunidades. Comunidades de interesses e comunidades de ação. De ação política, cultural, artística. Me parece que essas ações, aparentemente fragmentárias, são extremamente simbólicas e eficientes. Elas estão trazendo à baila exatamente a relação de interesse e necessidade de modificar as coisas e de propor experiências que sejam renovadoras do viver junto. Isto está acontecendo em São Paulo. É muito factível. Quando há manifestações políticas, quando agrupamentos comunitários que comparecem. Cada vez mais temos mais artistas do que propriamente obras de arte. Esses vários artistas se aglutinam e esse aglutinamento, comunitário, que em formas tradicionais seria teatro ou cinema ou artes visuais etc., às vezes são tudo isso ao mesmo tempo ou nada disso; são antes de tudo o renascimento do sentimento de comunidade e da ideia de comunidade.

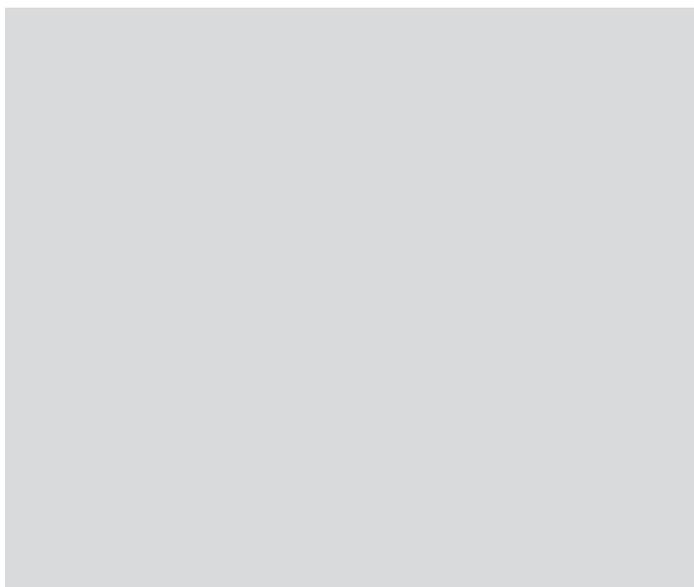
Isso é uma coisa extremamente positiva, forte, que está sendo, pelo menos nos círculos de juventude de classes médias, o elemento mais interessante e que vem repercutindo nas periferias de forma muito forte. Isso já vem de longe, vem do rock das garagens da década de 1980, que hoje toma outras formas e que prolifera. A gente conhece pouco disso, tem muitos estudos universitários sobre isso, eu tenho participado de várias

bancas de mestrado e doutorado na Filosofia, nas Ciências Sociais, na Fau, na Unifesp, em todo lugar; estudos sobre esses núcleos que são verdadeiras mônadas comunitárias, ensaiando o quê? Ensaio a mudança. Não estão rejeitando as dificuldades atuais ou as propostas autoritárias, mas estão acreditando

nas potências da vida. É isso o que está acontecendo.

José Auri Cunha – Quero apenas agradecer os nossos palestrantes convidados pela experiência enriquecedora de pensamento compartilhado aqui.

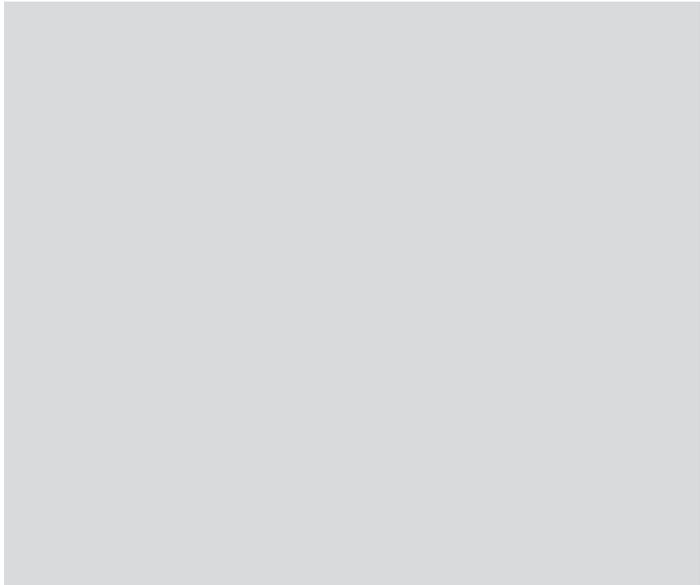
OFICINAS



OFICINA 1: O QUE É CIÊNCIA? POR QUE PRECISAMOS DELA?

Ana Luiza de Azevedo Pires Sérió, Simone
Fernandes, Lilian Starobinas, Rafael Andrade
Pereira e Iza Aparecida Anacleto Cortada Lotito

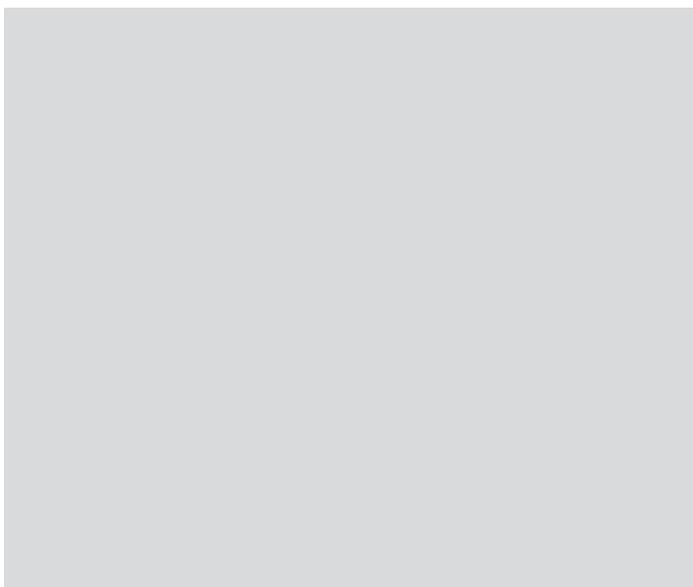
A construção do conhecimento científico causou muitas mudanças em nossa sociedade, tais como: aumento da expectativa de vida, crescimento da indústria bélica, criação de vacinas, invenção da internet, surgimento de novos meios de comunicação, mudanças nas formas de reprodução humana, ampliação das desigualdades sociais e chegada da humanidade à Lua. A partir da análise de casos reais, debateremos algumas das implicações da ciência em nosso dia a dia.



OFICINA 2: A QUEM (NÃO) INTERESSA O DESENVOLVIMENTO E A DISSEMINAÇÃO DO CONHECIMENTO?

Amadeu Cardoso Junior, Eduardo Pedro Noffs e Maria Fernanda Penteadó Lamas

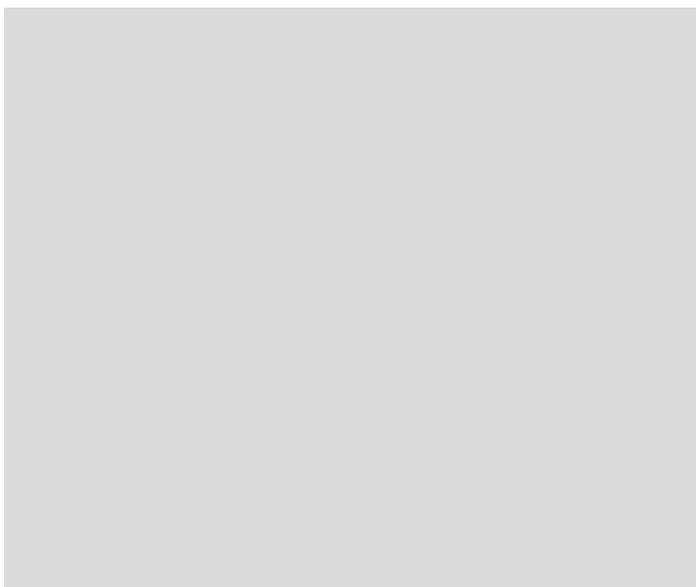
Os interesses políticos e econômicos influenciam a pesquisa e a divulgação do conhecimento? Esta oficina é um espaço para a discussão de diferentes temas ligados a essa questão. Criação de patentes, fontes de energias alternativas, impostos cobrados no País, mineração, meio ambiente e leis ambientais serão alguns dos assuntos tratados. Por meio de atividades, buscaremos compreender a complexidade dessas questões. Por fim, sugeriremos caminhos que aproximam a ciência das demandas sociais.



OFICINA 3: CONTRA FATOS HÁ ARGUMENTOS?

Dimitri Pinheiro da Silva, Paulo Padilha e
Carlos Alberto

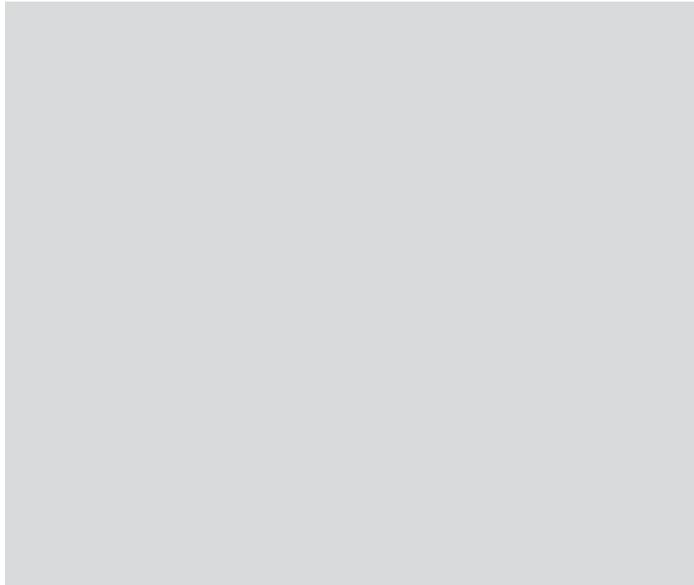
A Terra é plana? O nazismo é de esquerda?
A Aids não existe? As vacinas provocam
doenças? O aquecimento global é balela?
Não houve ditadura militar no Brasil? A
teoria de Darwin é furada? Quais são as
razões políticas, sociais e existenciais para a
proliferação de tais ideias, no mundo atual?
Venha discutir esses e outros assuntos em
nossa oficina.



OFICINA 4: "É VERDADE, RECEBI NO GRUPO DA FAMÍLIA"

Marcelo Jorge de Moraes, Janine Moura Campos, Claudia Bergamini, José Carlos Dias Chaves, Luiz Felipe Busse Penna e Vladimir Bonilha Modolo

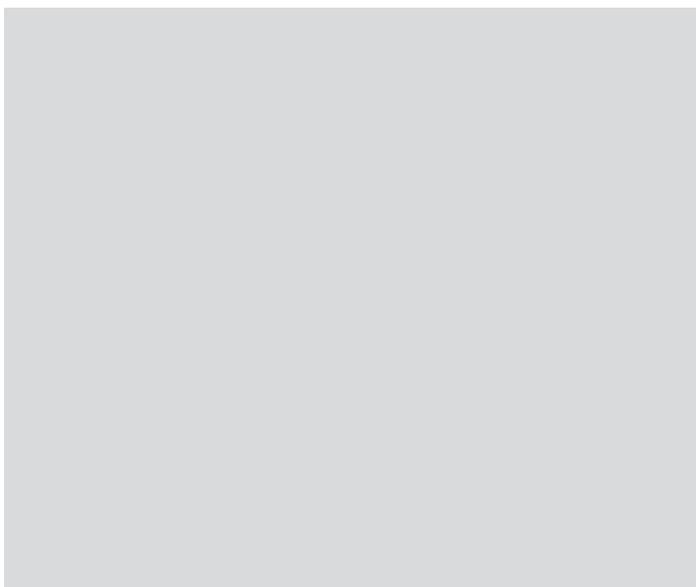
Em seis estações, temas diferentes serão colocados em pauta por meio de mídias diversas (instagram, facebook, jornais eletrônicos, whatsapp, áudios e propagandas), para que os alunos debatam a respeito dos posicionamentos expostos e selecionem quais fazem bom uso e quais fazem mau uso do conhecimento. Ao final, será proposta uma conversa de síntese sobre a importância da análise das informações e das fontes.



OFICINA 5: MEME: HERÓI OU VILÃO?

Rosana Amici Della Rocca, Iuri Pereira Jaime,
Ângela Marsiglio Carvalho, Patrícia Maria
Almeida Sader Azevedo e Maria Teresa Mendes
de Oliveira Lima

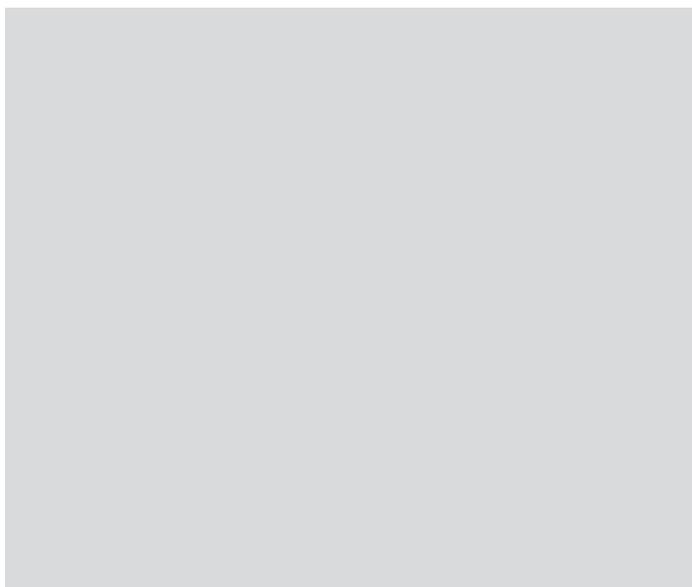
Qual é o papel dos memes na formação da opinião do sujeito contemporâneo? Nesta oficina, proporemos que os participantes analisem memes selecionados e reflitam sobre a informação a que se referem. Em nossa oficina, discutiremos quais foram os critérios utilizados para validar os fatos.



**OFICINA 6: A QUEM PERTENCE A VERDADE?
POR QUE A ANTICIÊNCIA É TÃO ATRAENTE?**

Luiz Venâncio Rodrigues Aiello, Luiz Fernando
Puglisi, Lilian Spalding e Alexandre Trinca
Alunos: Enzo Rizetto, Luana Kotscho e Carolina
Nigro

A oficina discutirá modelos de explicação
da realidade opostos ao método científico.
Para isso, utilizaremos um jogo e outras
atividades.



**OFICINA 7: SOMOS TODOS ALIENADOS?
A QUAL IDEOLOGIA PERTENCEMOS? O
CONHECIMENTO NÃO TEM IDEOLOGIA?**

José Auri Cunha, Gabriela Viacava de Moraes,
Caio Seiji Nagayoshi, Joana Góes e Marli de
Barros

Nesta oficina, discutiremos algumas situações vividas, recentemente, pela sociedade brasileira, que geraram debates polêmicos. Durante a discussão, criaremos personagens para protagonizarem diferentes pontos de vista e, a partir do que for argumentado, refletiremos sobre ideologia, alienação e conhecimento.

CRÉDITOS



Direção Geral
Heitor Fecarotta

Direção de Gestão
Marcelo Chulam

Direção Pedagógica
Regina Scarpa

Coordenação
Ana Maria Bergamin

Coordenação do Inglês
Rita Botter

Grupo organizador do XIV Fórum
Ana Bergamin
Flavia Ricca (9º ano)
Iza Cortada Lotito
Lilian Starobinas
Maria Aparecida F. B. Moreira Delgado
Maria Silvia Abrão (9º ano)
Marli de Barros
Rafael Andrade Pereira
Rosana Amici Della Rocca

Equipe técnico-pedagógica
Alexandre Trinca
Carlos Alberto José de Carvalho
Maria Aparecida F. B. Moreira Delgado
Maria Inês Candelaria Wuo Guerra
Maria Teresa Mendes de Oliveira Lima
Marli de Barros
Rosana Amici Della Rocca
Simone Fernandes

Equipe
Adriana Rezende
Alex de Lima Barros
Ana Luíza de Azevedo Pires Sérico
Angela Marsiglio Carvalho
Carlos Alberto José de Carvalho
Charles Judica Chilo
Claudia Bergamini
Dimitri Pinheiro da Silva
Eduardo Mancebo
Eduardo Pedro Noffs
Gabriela Viacava de Moraes
Iuri Pereira Jaime
Iza Cortada Lotito
Janice Aparecida Lopes
Janine Moura Campos
José Auri Cunha
José Carlos Dias Chaves

Juliana Vidigal Bruno
Katia David Barbosa
Lilian Spalding Degani
Lilian Starobinas
Lisangela Kati do Nascimento
Lucia Regina Barbosa Zmekhol
Luiz Felipe Busse Penna
Luiz Fernando Correia de Oliveira
Luiz Fernando Puglisi
Luiz Venâncio Rodrigues Aiello
Marcelo Jorge de Moraes
Marcos Luiz
Maria Celina Pinto de Gusmão
Maria Fernanda Penteado Lamas
Maria Inês Candelaria Wuo Guerra
Mariana Menezes Paglione Vedana
Marli de Barros
Monica Reiche
Patrícia Maria Almeida Sader Azevedo
Paulo Padilha
Paulo Roberto da Cunha
Rafael Andrade Pereira
Rodrigo Otávio Hereny Formigoni
Rosana Amici Della Rocca
Vaniery Amorim
Vladimir Bonilha Modolo

Fotos
Patricia Cardoso



Edição
Claudia Cavalcanti

Revisão
Iara Arakaki e Laís Alcantara

Projeto gráfico
Marcio Caparica e Juliana Lopes

Os direitos autorais dos textos publicados pertencem a seus respectivos autores. Esta é uma edição da Escola Vera Cruz e não tem fins comerciais.

São Paulo, fevereiro de 2020.



VERA CRUZ